

- b) Escolha uma das resenhas e verifique se ela apresenta as duas características mínimas que uma resenha deve conter.
- c) De quais resenhas você mais gostou? Por quê?
- d) Pense em um filme que você assistiu e tente criar uma resenha de 4 palavras.

## O plano global de uma resenha acadêmica (prototípica)

### PARA COMEÇAR A CONVERSA...

**N**esta seção, analisaremos o plano global de uma resenha, começando por sua leitura e passando, a seguir, a uma análise que leva à identificação de suas diferentes partes.

1. A seguir, vem uma resenha, que você ainda não precisa ler integralmente. Passe os olhos por ela, buscando informações que o auxiliem a completar o quadro abaixo.

Livro resenhado	
Autor do livro	
Contextualização do livro	
Tema do livro	
Autor da resenha	
Área em que se insere o resenhista	
Veículo em que ela foi publicada	
Livros citados nas referências bibliográficas	



## TRABALHADORES E CIDADÃOS, de Paulo Roberto Ribeiro Fontes

Edilson José Gracioti

1. O livro de Paulo Fontes — resultado da sua dissertação aprovada junto ao Programa de Mestrado em História Social do Trabalho, na UNICAMP — debruça-se sobre a história dos operários da Nitro Química, empresa construída no subúrbio paulistano de São Miguel a partir do final de 1935, cuja produção iniciou-se em setembro de 1937. Inserida na tentativa de compreender a dinâmica da industrialização no Brasil, a pesquisa elegeu essa unidade produtiva como espaço cotidiano e complexo da luta de classes<sup>2</sup> onde, de um lado, a Nitro Química (uma espécie de "CSN do setor químico") elaborou um sistema de dominação específico e, de outro, os trabalhadores construíram respostas próprias a ele, vivendo uma tensa e rica experiência, ora de resistência, ora de relativa integração a aquele sistema.

2. No dizer do próprio autor, objetivou-se "[...] aprofundar a análise da montagem, da lógica interna, contradições e legitimação ou não por parte dos trabalhadores de um determinado modelo de dominação e gestão da mão-de-obra criado pela Nitro Química ao longo dos anos quarenta e desenvolvido plenamente na década seguinte" (p. 14). O diagnóstico que se apresenta sobre esse modelo indica-o como articulado em torno de vários aspectos próprios à ideologia corporativa<sup>3</sup> e ao nacional-desenvolvimentismo, que marcava o Estado brasileiro de então.

3. O recorte temporal (os anos cinquenta) justifica-se, segundo Paulo Fontes, por ter sido esta a década onde o modelo de dominação empresarial gestado nos anos antecedentes viveu o seu ápice e, também, o início do seu esgotamento, uma vez que a reciprocidade entre empresa e trabalhadores sofreu enormes desgastes, dado o avanço

2 "O conceito de classe tem uma importância capital na teoria marxista". (...) "Marx e Engels admitiram que a classe era uma característica distintiva das sociedades capitalistas" (Bottomore, 1983/2001), considerando-se que suas duas principais classes seriam a burguesia e a classe operária. Ainda para esses autores, a burguesia seria "a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios da produção social e empregadores do trabalho assalariado (Marx, Manifesto comunista, 1888). Segundo Marx e Engels, a história de todas as sociedades existentes até o tempo em que escreveram seria a história das lutas de classe", que se constituiria como a luta do operariado contra a burguesia.

3 Segundo o Dicionário Houaiss, "corporativista" é adjetivo referente a "corporativismo", que pode ser compreendido como: "1 doutrina que considera os agrupamentos profissionais como uma estrutura fundamental da organização política, econômica e social e preconiza a concentração das classes produtoras em forma de corporações tuteladas pelo Estado".

(URL: <http://houaiss.uol.com.br/busca.htm?verbete=corporativismo> (30/08/04))



de uma identidade sociocultural própria entre os operários, em função da aguda atuação sindical e política nos anos anteriores a 1964.

4. O trabalho se estrutura em cinco capítulos. No primeiro, apresenta-se uma análise do contexto que marcou a trajetória da empresa, desde a sua criação até o final dos anos cinquenta. Tal análise permite ao leitor a inteligência de aspectos, como por exemplo as relações de cumplicidade havidas entre o governo de Getúlio Vargas e os proprietários da Nitro Química (José Ermírio de Moraes e Horácio Lafer), ou ainda o lugar que a Segunda Guerra desempenhou no crescimento econômico da empresa. Encontram-se também menções ao complemento que o Círculo Operário Católico de São Miguel significou ao serviço de assistência fabril, onde capital e trabalho deveriam se harmonizar. Até mesmo a origem majoritária dos operários (fundamentalmente nordestinos) era apropriada pelo discurso empresarial enquanto fator de "integração". A "nordestinidade" reforçaria, assim, a busca da paz social. Não obstante tratar-se de uma empresa privada, a Nitro Química apresentava-se como instrumento a serviço dos interesses nacionais, fator de patriotismo, da mesma forma como, por exemplo, a Companhia Siderúrgica Nacional o fazia. A implicação desse elemento de dominação era imediata: ser parte da família nitrina significava atender aos interesses da nação e, conseqüentemente, fazer greves ou outros movimentos reivindicatórios seria contrapor-se a tais interesses.

5. Para que o patriotismo visado não desse margem a qualquer confusão com o "falso" nacionalismo dos comunistas, desde cedo a empresa se preocupou em combater o comunismo. E o fez com base em mais dois mecanismos centrais: o espírito pioneiro e desbravador dos "pais" da família nitrina e a constante procura de um capitalismo sadio, humano e progressista. Este último elemento explicitava a especificidade de uma empresa privada a serviço da Nação, quando comparada com as firmas estatais. A Nitro Química, ainda que pertencente a proprietários particulares, mantinha-se, ao menos no discurso, 'aberta às questões sociais'. Todavia, essa ideologia era acompanhada de um poderoso e eficaz instrumento prático, o Serviço Social. Para além das palavras, um conjunto de "benefícios" (médico-odontológico, de abastecimento, cooperativo, recreativo, de segurança) objetivava garantir o disciplinamento no espaço extrafábrica sobre os operários.

6. O capítulo 4 dedica-se ao estudo da organização sindical dos operários da Nitro Química e das suas relações com o Partido Comunista, cuja militância em São Miguel Paulista era destacada, tanto no âmbito sindical quanto em outros aspectos da vida cultural e social do bairro (como, por exemplo, na organização de festas, bailes, apresentações teatrais, excursões e palestras). Paulo Fontes faz um bom relato das razões pelas quais os trabalhadores olhavam com muita desconfiança para o Sindicato, uma vez que este atrelava-se à política da empresa. Em meio a

essa discussão, o autor analisa o significado do assistencialismo<sup>4</sup> para os trabalhadores e conclui que este não pode ser visto apenas como um reforço à tutela do Estado sobre sindicatos, sendo, também, "[...] parte da cultura dos trabalhadores e de suas organizações, tendo provavelmente relações com as práticas de solidariedade tradicionalmente exercidas por estes" (p. 136). Aqui me parece manifestar-se uma das lacunas deste que é um bom trabalho. Mais adiante voltarei a isto.

7. O último capítulo analisa a greve dos trabalhadores da Nitro Química acontecida de 24 a 31 de outubro de 1957, a mais longa da sua história até então. Uma nova diretoria no Sindicato dos Químicos, empossada em novembro de 1956, apresentava uma linha de ação bem diferenciada do que até aquele momento se verificava na entidade. Ao invés de contratos por empresa, essa diretoria buscava firmar contratos com os sindicatos patronais. A proeminência do setor jurídico deu lugar ao investimento na participação dos trabalhadores, inclusive com a escolha de delegados sindicais.

8. A greve na Nitro Química iniciou-se no mesmo dia em que a famosa greve dos 400 mil trabalhadores chegou ao final. Nesta, seis categorias obtiveram importantes conquistas econômicas e impuseram uma vitória no embate com os respectivos segmentos do empresariado. Neste contexto é que, segundo Paulo Fontes, pode-se entender o movimento grevista dos operários da Nitro que, após oito dias de confronto com o aparelho repressivo do Estado e a intransigência patronal, revelou-se vitoriosa, pois a empresa concordou com a reivindicação central (20% de reajuste sobre os salários vigentes em agosto de 1956), além de não punir os grevistas. Para Fontes, "a greve de outubro de 1957 representou uma inflexão profunda nas relações de reciprocidade entre a Nitro Química e seus trabalhadores. A imagem, já em progressivo desgaste no período anterior, de uma grande e poderosa empresa provedora de benefícios para seus trabalhadores, sofreria um forte abalo com a paralisação" (p. 163). Tal inflexão se deu porque "[...] se os chamados benefícios sociais da Nitro puderam em alguns momentos cumprir o papel de ajudar a evitar que a maioria dos trabalhadores da fábrica aderisse a protestos e movimentos grevistas, em 1957 eles já não tinham mais esta capacidade" (p. 164).

9. Além de ser resultado de uma acurada pesquisa sobre as manifestações cotidianas daquele segmento da classe trabalhadora nos anos cinquenta, o livro de

4 Segundo o Dicionário Houaiss, "Assistencialismo" seria, do ponto de vista da sociologia, "doutrina, sistema ou prática (individual, grupal, estatal, social) que preconiza e/ou organiza e presta assistência a membros carentes ou necessitados de uma comunidade, nacional ou mesmo internacional, em detrimento de uma política que os tire da condição de carentes e necessitados". Do ponto de vista político, com conotação pejorativa, "sistema ou prática que se baseia no aliciamento político das classes menos privilegiadas através de uma encenação de assistência social a elas; populismo assistencial" [URL: <http://houaiss.uol.com.br/busca.htm?verbete=assistencialismo> (30/08/04)].

Paulo Fontes aponta para aspectos fundamentais da possibilidade de uma ação ofensiva por parte dos trabalhadores: "A ação da militância comunista e sindical no interior da fábrica pôde potencializar este descontentamento operário para a conquista da direção do sindicato, para a organização no local de trabalho e para realizar uma campanha salarial na empresa em diferentes moldes no ano de 1957. A nova orientação do sindicato tornava-o aos olhos dos trabalhadores um efetivo instrumento para a conquista de direitos, um porta-voz coletivo de seus representados e, portanto, uma necessidade" (p. 165).

10. Porém, teriam, efetivamente, os trabalhadores da Nitro experimentado a greve de outubro de 1957 fundamentalmente em função de uma intensa organização interna à empresa? Esta é uma das principais conclusões polêmicas que Paulo Fontes apresenta em relação ao que outros autores (notadamente Leôncio Martins Rodrigues e Armando Boito Jr.) sustentam a respeito, uma vez que, para estes autores, praticamente inexistiu, no período, organização sindical nos locais de trabalho. Rodrigues afirma que as greves são organizadas "[...] de dentro para fora das empresas" (RODRIGUES, 1966: 76) e Boito Jr. sustenta que "o sindicato de Estado não organiza de modo sistemático e estável os operários e demais trabalhadores" (BOITO Jr., 1991: 236), sendo, isto sim, um importante fator para sua frágil presença nos locais de trabalho.

11. Parece-me que falta ao texto de Fontes um tratamento mais detalhado da estrutura sindical oficial<sup>5</sup> (montada sobre a unicidade sindical, as contribuições compulsórias, a carta sindical e a justiça trabalhista) e o seu efeito moderador nas lutas reivindicatórias dos trabalhadores. O próprio assistencialismo pode e deve ser analisado enquanto importante complemento a essa forma histórica de enquadramento dos sindicatos. Entendê-lo como "[...] parte da cultura dos trabalhadores e de suas organizações [...]", relacionando-o "[...] com as práticas de solidariedade tradicionalmente exercidas por estes", significa perder de vista as determinações da totalidade social capitalista sobre esta cultura e não explicitar o resultado último do assistencialismo: reforçar a subalternidade, obstando, inclusive, manifestações mais abrangentes e agudas da consciência de classe, menos atadas ao contingencial.

12. Desde o título do livro presume-se que a questão da cidadania merecerá atenção. De fato, em alguns momentos isto se dá, como nos trechos seguintes: "O desrespeito da companhia aos direitos adquiridos pelos trabalhadores nas leis do País eram outro foco de grande insatisfação. A Nitro redefinia o que era direito do trabalhador no âmbito de seu espaço (p. 163)"; "Organizados e mobilizados, os trabalhadores nitrinos desenvolveram nesse período uma série de lutas, como as reivindicações pelas taxas

5 Estrutura dos sindicatos montada pelo governo da época.

de insalubridade e pelo abono de Natal, até hoje fortemente presentes na memória social daquele grupo operário. Até 1964, a Nitro, vivendo agora um período de forte decadência seria conhecida [...] como uma fábrica 'quente' do ponto de vista da militância sindical. O Sindicato dos Químicos de São Paulo foi, a partir de então, um instrumento vital para a conquista de direitos" (p. 173).

13. Todavia, no trabalho não se qualifica "cidadania". Esta ausência dificulta, inclusive, a percepção do projeto de cidadania que, eventualmente, aqueles trabalhadores possuíam, se é que essa questão (a luta por uma extensão dos direitos) realmente tenha ocupado o centro das suas mobilizações. Pelo exame dos documentos, entrevistas e outras fontes citadas no livro, percebe-se que o eixo da própria greve de 1957 foi o combate ao arrocho salarial, ou seja, a rejeição à superexploração da força de trabalho, remunerada aquém do seu próprio valor de troca. Naquele momento, tais trabalhadores teriam articulado suas reivindicações mais imediatas ao menos a um projeto de reformas sociais? A identidade que construíram permaneceu no momento econômico-corporativo, estendeu-se minimamente a outros segmentos da classe trabalhadora ou, ainda, tangenciou a necessidade desta diferenciar-se com vistas à luta pela hegemonia? O enfrentamento destas indagações permitiria vislumbrar os contornos do que o autor está entendendo por cidadania e, mais que isto, verificar em que medida aquelas lutas operárias se expressaram também nessa dimensão.

14. Essas observações em nada diminuem o vigor do livro. O exaustivo trabalho de pesquisa que se pode perceber e a constante preocupação com o fazer-se dos operários da Nitro Química em suas experiências de resistência credenciam-no como leitura obrigatória aos que se interessam pelo mundo do trabalho, quer pelo ofício de pesquisador, quer pela militância sindical ou, ainda, pela absoluta necessidade de se compreender a realidade brasileira. Recebido para publicação em março de 1998.

Edilson José Gracioli (ejgmz@triang.com.br) é Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOITO Jr., A. (1991). O sindicalismo de Estado no Brasil. São Paulo/Campinas, Hucitec  
UNICAMP. RODRIGUES, L. M. (1966). Conflito industrial e sindicalismo no Brasil. São Paulo, Difel.

URL: <http://www.revistasociologiaepolitica.org.br/resumo.php?pidtexto=296> (29/08/04)

6 Para a teoria marxista, os operários vendem sua "força de trabalho" aos capitalistas em troca de um salário em dinheiro. A "força de trabalho" é uma mercadoria comprada e usada pelo capitalista para obter trabalho e aumentar o valor de outras mercadorias. Ao pagar um valor menor do que o valor que o trabalho por eles extraído acrescenta às mercadorias, estariam superexplorando a força de trabalho e remunerando abaixo do "valor de troca" dessa força de trabalho.

(3 item(ns) restante(s)) Abrindo página <http://www.revistasociologiaepolitica.org.br/principal.php?setpididoma=>

2. A partir das respostas que você deu para a atividade 1, levante hipóteses e responda:

a) Quais seriam as características profissionais do resenhista?

b) Qual seria o tema do livro resenhado?

c) Por que será que o autor da resenha cita outros livros no que ele chama de "referências bibliográficas"?

3. Você viu, na seção 1, que as resenhas se caracterizam por apresentarem pelo menos dois movimentos básicos: a descrição ou o resumo da obra e os comentários do produtor da resenha. Preencha o quadro abaixo com trechos da resenha que você acabou de ler, que correspondam a esses dois movimentos

Trechos descritivos/resumidores da obra	Trechos de comentários

4. Agora vá observando a resenha atentamente e faça as atividades indicadas para cada parágrafo.

4.1. Pensando sempre que a resenha apresenta trechos descritivos sobre um outro livro, seus objetivos, seus conteúdos, sua estrutura etc., verifique:

a) O que é apresentado no primeiro parágrafo?

- b) O que é apresentado no segundo parágrafo? Qual verbo, neste parágrafo, indica o que é apresentado?

---

---

---

- c) O que é apresentado no terceiro parágrafo? Qual verbo indica o que é apresentado?

---

---

---

- d) Verifique o que o resenhista apresenta sobre a obra resenhada em cada um dos parágrafos, do quarto ao oitavo.

4º e 5º parágrafos: \_\_\_\_\_

6º parágrafo: \_\_\_\_\_

7º e 8º parágrafos: \_\_\_\_\_

Liste as expressões que introduzem os tópicos tratados nesses parágrafos.

---

---

---

---

4.2. Agora, pensando que a resenha também apresenta trechos de comentários sobre a obra, verifique:

- a) O que o resenhista acrescenta no nono parágrafo?
- ( ) um comentário negativo
- ( ) um comentário positivo

Sublinhe no texto as palavras que o indicam.

- b) No décimo parágrafo, o resenhista introduz outros autores, citados na bibliografia. Qual a relação desses autores com a obra resenhada? Como o resenhista qualifica essa relação?

---

---

---

- c) O que o resenhista apresenta do 11º ao 13º parágrafos?

- ( ) um comentário negativo
- ( ) um comentário positivo

Sublinhe no texto as palavras que o indicam.

- d) Qual é a avaliação mais marcante do resenhista sobre a obra? Positiva ou negativa? Justifique com trechos da resenha.

---

---

---

5. Relacione as ideias abaixo com o(s) parágrafo(s) em que elas aparecem.

- ( ) comentário positivo
- ( ) resumo do 5º e último capítulo
- ( ) menção ao número de capítulos que o livro contém
- ( ) apresentação do livro e do tema por ele abordado
- ( ) resumo do 4º capítulo
- ( ) conclusão positiva
- ( ) resumo do 1º capítulo
- ( ) comentário negativo
- ( ) objetivo do livro resenhado

6. De acordo com a organização dos conteúdos, podemos dizer que a resenha lida apresenta 8 grandes partes, conforme indicamos no quadro abaixo, com a enumeração do agrupamento dos parágrafos. Nos espaços em branco, escreva uma frase resumindo o que é apresentado em cada uma dessas partes.

3 primeiros parágrafos	
4º e 5º parágrafos	
6º parágrafo	
7º e 8º parágrafos	
9º parágrafo	
10º parágrafo	
11º, 12º e 13º parágrafos	
14º parágrafo	

## CONCLUINDO...

Você viu que a resenha acadêmica é organizada globalmente em diferentes partes. Generalizando, reveja as atividades desta seção e complete o texto com as palavras do quadro abaixo, expressando suas conclusões sobre os conteúdos que normalmente aparecem nessas diferentes partes.

Comentários — os objetivos — a conclusão — a apreciação — Informações sobre o contexto e o tema do livro.

No início de uma resenha, encontramos \_\_\_\_\_. Em seguida, \_\_\_\_\_ da obra resenhada. Antes de apontar os comentários do resenhista sobre a obra, é importante apresentar a descrição estrutural da obra resenhada. Isso pode ser feito por capítulos ou agrupamento de capítulos. Depois, encontramos \_\_\_\_\_ do resenhista sobre a obra. Aliás, é importante que haja tanto \_\_\_\_\_ positivos quanto negativos. Finalmente, \_\_\_\_\_, em que o autor deverá explicitar/reafirmar sua posição sobre a obra resenhada.

## PARA CONTINUAR A CONVERSA...

Leia a resenha a seguir e verifique se ela contém as mesmas partes da resenha que acabamos de analisar.

Resenhas - Microsoft Internet Explorer

Endereço <http://www.comciencia.br/resenhas/impactos.htm>

**Resenhas**

O homem e o mundo natural  
Keith Thomas

Floods of fortune  
Michel Goulding, Nigel Smith, Denis Mahar

Impactos Ambientais Urbanos no Brasil  
Antônio Teixeira Guerra, Sandra Baptista da Cunha

Outras resenhas

Envie sua resenha  
[rae34@uol.com.br](mailto:rae34@uol.com.br)

**RESENHAS**

### IMPACTOS AMBIENTAIS URBANOS NO BRASIL

Antônio José Teixeira Guerra e Sandra Baptista da Cunha, Ed. Bertrand Brasil.

por Bruno Buys

*Impactos ambientais urbanos no Brasil* é uma coleção de artigos de diferentes autores, organizados por Antônio Teixeira Guerra e Sandra Baptista da Cunha, que analisam os impactos ambientais enfrentados por cidades brasileiras em diferentes contextos econômicos, sociais e históricos da ocupação do território brasileiro.

Em sua grande maioria, as cidades brasileiras nasceram e se desenvolveram sem nenhuma preocupação de adequada utilização do solo e do espaço. Conceitos como sustentabilidade, qualidade do ar e da vida aqui por estas plagas são coisa recente, talvez impulsionados pela Rio-92.

Os artigos escolhidos abordam problemas ambientais em cidades estudadas pelos organizadores e pelos demais autores de capítulos: pequenas cidades como Açailândia, no Maranhão, cujo nascimento e crescimento estiveram ligados à economia da madeira e da extração de ferro de Carajás. Sorriso, no Mato Grosso, tema de um capítulo, é um assentamento criado pelo governo federal através de políticas públicas de ocupação do cerrado brasileiro, no começo da década de 1980. Ocupado principalmente por população vinda do sul do país, Sorriso vive da agricultura de grande escala mecanizada, às margens do Rio Teles Pires, um subafluente do Rio Madeira, que deságua no Amazonas. Teresópolis, Florianópolis e Petrópolis e seus problemas ambientais são tema de capítulos específicos, assim como Rio de Janeiro e São Paulo.

O que mais chama a atenção do leitor ao longo da obra, independente do tamanho ou das características da cidade, é a falta de planejamento pelo setor público. Talvez seja esta a maior constante, similar nos casos extremos desde Sorriso e Açailândia até São Paulo e Rio. Os assentamentos humanos brasileiros carecem de qualquer esboço de planejamento, sendo seu crescimento orientado pela lógica do maior lucro, até onde as questões ambientais começam a impor um ônus tão grande que se invoca a ação pontual e emergencial do Estado.

Concluído

43